

ESTEREÓTIPOS DE FEMINILIDADES E MASCULINIDADES EM LIVROS DE LITERATURA INFANTIL

Fabiana Andreata Raymundo ¹
Thatiane Santos Ruas ²

RESUMO

Este artigo refere-se a uma pesquisa monográfica, desenvolvida no curso de Pedagogia da UEMG - Unidade Ibirité, MG. O tema central são as relações de gênero no contexto de livros literários destinados ao público infantil. O objetivo geral foi investigar como livros de literatura infantil podem contribuir para a (des)construção de estereótipos de masculinidades e feminilidades. A abordagem teórica teve como principais referências autores que discutem gênero, gênero e escola, masculinidades e feminilidades, entre os quais destacam-se Scott(1989), Louro(1997, 2001) Guizzo (2013), entre outros. A abordagem metodológica é de cunho qualitativo e, como procedimentos foram utilizadas as pesquisas bibliográfica e documental. Para fins de verificação da existência de livros de literatura infantil, o percurso metodológico se deu em duas etapas: verificar em legislações vigentes no país e em políticas públicas que viabilizam a distribuição e a disponibilização de livros de literatura infantil em bibliotecas escolares. A segunda etapa consistiu na seleção de livros de literatura infantil que pudessem contribuir para a discussão do tema em questão. Por fim, foram selecionados três livros de literatura infantil Anton e as Meninas de Ole Könnecke (2013), Meninos de Verdade de Manuela Olten (2013) e Ser Menina de Ângela Leite de Souza (1998). Entre as obras analisadas verificou-se que duas delas sugerem possibilidades de (des)construção de masculinidades/feminilidades e que na terceira a desconstrução acontece de forma mais explícita, principalmente no tocante à desnaturalização dos estereótipos de gênero. Ademais, sugere-se que sejam desenvolvidas outras pesquisas articulando o tema relações de gênero e literatura infantil.

Palavras-chave: Relações de gênero, Literatura Infantil, Masculinidades, Feminilidades.

INTRODUÇÃO

O livro se materializa no campo da educação como uma ferramenta que possui atribuições culturais que pode promover o desenvolvimento de aprendizagens no universo infantil, legitimando comportamentos, formas de se comunicar, de pensar, de agir e também pode se constituir como um estimulador de posturas questionadoras, especialmente quando se trata das questões de gênero.

O termo gênero está relacionado à construção social e cultural do que é ser homem e ser mulher, estando, portanto, entrelaçado ao trabalho escolar, principalmente pelo fato de as instituições e recursos educativos existirem em prol do ideal de formação de um determinado sujeito social. Assim, Argüello (2005, p.68) complementa quando diz que, então, “cabe a nós educadores perguntar o que temos ensinado às crianças e de que forma temos feito isso, especialmente no que diz respeito à temática de gênero”.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais, UEMG - Unidade Ibirité. fandreatar@gmail.com

² Doutoranda em Educação pela PUC-MG, Mestra em Educação Tecnológica pelo CEFET-MG, Pedagoga pela UEMG- Campus Belo Horizonte, Professora do curso de Pedagogia da UEMG-Unidade Ibirité e orientadora desta pesquisa. thatiane.ruas@uemg.br

Gênero, portanto, é um termo representativo que está relacionado com papéis sociais. Enquanto categoria social, gênero não é sinônimo do termo sexo e não é estático, seu conceito tem se modificado ao longo da história e, ao mesmo tempo, tem provocado mudanças de identidades e em comportamentos dos sujeitos sociais. Desse modo, ser homem, ser mulher, ser menino ou ser menina são representações simbólicas que a nossa cultura e sociedade conferem sobre essas identidades que são traduzidas, muitas vezes, em estereótipos de feminilidades ou masculinidades.

Questionar a naturalização dessas diferenças é uma forma de perceber que procedimentos de desconstrução desses estereótipos se faz necessário em nossa sociedade. É preciso reconhecer e problematizar como se dão as representações de gênero presentes, inclusive, também no espaço escolar, buscando descobrir quais são as estratégias utilizadas nos processos educativos que envolvem procedimentos de (des)naturalização dos papéis sociais.

Relacionar objetos, cores, roupas separando-os entre coisas de meninos e de meninas acaba por levar as crianças a se identificarem por determinados papéis sociais que são moldados culturalmente e socialmente. A escola enquanto construção social “delimita espaços, servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui” (LOURO, 1997, p.58) comportamentos e gestos perpetuando práticas culturalmente naturalizadas em que as crianças são classificadas como meninos e/ou meninas.

Falar de papéis sociais ou de espaços demarcados social ou culturalmente, entre masculinos e femininos, é abrir possibilidades de discussões sobre práticas sociais permeadas por desigualdades a partir de relações de poder em que um grupo socialmente estabelecido (homens) possuem vantagens, privilégios e domínio com relação à outro grupo (mulheres).

Neste contexto a questão investigada foi: como livros de literatura infantil podem contribuir para a (des)construção de estereótipos de masculinidades e feminilidades? E assim, buscou-se ainda refletir sobre quais são as contribuições da literatura infantil para as discussões das relações de gênero na escola e sobre a necessidade de uma educação diversa, plural e questionadora desde a primeira infância. O objetivo geral do trabalho monográfico foi investigar, a partir de três livros de literatura infantil, como estes podem contribuir para a (des)construção de estereótipos de masculinidades e feminilidades.

Desse modo, é de suma importância pesquisar as relações de gênero na literatura infantil, visto que tais iniciativas podem vir a ser importantes exercícios de se desconstruir socialmente os estereótipos de masculinidades e feminilidades provenientes dessas relações de poder em que o homem exerce domínios velados sobre a mulher.

METODOLOGIA

O presente estudo tem como abordagem a pesquisa qualitativa, tendo em vista que a mesma apresenta características que correspondem às necessidades que envolvem pequenas amostras, as quais não necessitam ser representativas de grandes populações. Para Triviños (1987, p.133) o/a pesquisador/a, que utiliza a abordagem qualitativa, “poderá contar com uma liberdade teórico-metodológica para desenvolver seus trabalhos [...]”. Os procedimentos de pesquisa utilizados foram a pesquisa bibliográfica e documental. (GIL, 2010).

Nesse cenário, foi realizada uma busca em torno da distribuição e a disponibilização de livros de literatura infantil em bibliotecas escolares. A segunda etapa consistiu na seleção de livros de literatura infantil que pudessem contribuir para a (des) construção de estereótipos de masculinidades e feminilidades. Assim, foram selecionados três livros de literatura infantil “Anton e as Meninas” de Ole Könnecke (2013), “Meninos de Verdade” de Manuela Olten (2013) e “Ser Menina” de Ângela Leite de Souza (1998). No intuito de se conhecer melhor as relações entre masculinidade e feminilidade materializadas nos livros de literatura infantil, essas obras foram analisadas, problematizadas e discutidas teoricamente a luz de conceitos de masculinidades, de feminilidades e relações de gênero.

MASCULINIDADES, FEMINILIDADES E LITERATURA INFANTIL: alguns apontamentos teóricos

Gênero é uma palavra que se refere à construção cultural do que é ser homem ou ser mulher em uma dada sociedade situada historicamente e geograficamente. Segundo Louro(1997), o termo vem sendo usado pelas ciências sociais e humanas para se reportar à construção social em que os agrupamentos entre homens e mulheres são tidos como um produto da realidade social. O termo diz respeito, ainda, ao caráter cultural que define as atitudes e comportamentos que são esperados de homens e mulheres e das distinções estabelecidas entre os ideários de masculinidade e feminilidade.

O conceito de gênero formulado por Scott (1989, p.21), repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições “gênero como um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos”, e “gênero como uma construção social e histórica que dá significado as relações de poder”.

As relações de gênero se estabelecem dentro de um sistema hierárquico que dá lugar a relações de poder, nas quais o masculino não é unicamente diferente do feminino. Esse é o questionamento de Connell (1995, p.188) que perpassa pela compreensão de que “a masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”. Louro (1997) aponta ainda que,

[...] tradicionalmente, o que é nomeado como feminino pela nossa sociedade está associado à sensibilidade, afeto, doçura, cuidado, delicadeza, ao universo emocional. Enquanto o masculino remete a valores como coragem, bravura, destreza, força, razão, elementos indispensáveis para que os homens possam atuar na esfera pública. Essas discussões se tornam fundamentais para que se possa questionar a naturalização dessas diferenças ocorridas no que diz respeito às relações de gênero. (LOURO, 1997p.21)

Determinados modos de ser homem, mulher, menino ou menina, tornam-se tão naturais que passam a determinar os lugares e as posições que cada um pode ocupar na sociedade. Esses modos “são mostrados com frequência em múltiplas instâncias (na televisão, em revistas, livros infantis, em peças publicitárias) como se fossem *naturais* e, por consequência, incontestáveis”. (GUIZZO, 2013, p.33)

Essas relações de poder e dominação dos homens sobre as mulheres não ocorrem de maneiras igualitárias e simétricas, elas se tornam um produto difundido na sociedade tornando-se naturalizado e historicamente enraizado. Desse modo, as interações entre os atores sociais deixam de ser harmônicas, tornando-se conflituosas passando a expressar desigualdades sociais.

Diante do que é vivido e vivenciado, alguns discursos aprendidos tanto na família como no âmbito da escola, podem tornar-se fundamentais para reforçar a naturalização das diferenças, sejam elas físicas, mas principalmente comportamentais, ocorridas entre homens e mulheres enquanto outros servirão para romper com as noções de masculinidades e feminilidades.

Louro (2001, p.21) afirma que, “embora não se possa atribuir à escola o poder e a responsabilidade de explicar identidades sociais ou de determiná-las de forma definitiva”. Faz-se necessário reconhecer que “suas proposições, suas imposições e proibições fazem sentido e têm ‘efeitos de verdade’, constituindo parte significativa das histórias pessoais” das crianças.

A instituição escolar se caracteriza pela diversidade social e cultural e por muitas vezes reproduzir padrões de conduta que permeiam as relações sociais fora da escola. Desse modo, as formas de se relacionar com o outro, na escola, refletem práticas sociais mais amplas que podem ser permeadas de valores como igualdade, solidariedade, respeito ao próximo, mas que muitas vezes despontam em situações de preconceitos e afirmam naturalização de estereótipos.

Assim, ler livros que apresentem diferentes formas de pertencimento pode ser muito útil para expandir as diferentes possibilidades relacionadas a gênero. Por tratar-se de uma linguagem, a literatura constitui-se como um importante artifício pedagógico para problematizar a naturalização ou de desconstrução das relações de gênero as quais legitimam conceitos de masculinidade ou feminilidade entre as crianças, sobretudo na Educação Infantil. Além disso,

Apesar de ser um instrumento usual de formação da criança [...] participando, nesse caso, do mesmo paradigma pragmático que rege a atuação da família e da escola, a literatura infantil equilibra – e, frequentemente, até supera – essa inclinação pela incorporação ao texto do universo afetivo e emocional da criança. Por intermédio desse recurso, traduz para o leitor a realidade dele, mesmo a mais íntima, fazendo uso de uma simbologia que se exige para efeitos de análise, a atitude decifrador de intérprete, é assimilada pela sensibilidade da criança. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 20).

Os livros infantis podem e devem ser vistos como poderosos instrumentos transmissores de estereótipos em relação ao gênero, independentemente da idade em que se encontra a criança. Argüello (2005, p.163) aponta que a literatura pode ser “um importante artefato para problematizar as relações de poder entre homens e mulheres” e principalmente para “desconstruir aqueles mecanismos sutis que a cultura usa na produção e legitimação das masculinidades e das feminilidades”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os livros de literatura infantil para crianças pequenas apoiam-se em imagens para que possam possibilitar maior interesse e interatividade. As imagens atraem a atenção das crianças fazendo-as se aproximar do texto literário. Segundo Coelho (2000, p.161), “livros que contam histórias através da linguagem visual, sem o suporte de textos narrativos ou com o apoio de pequenas falas escritas, são chamados de livros de imagens”.

Abramovich (1991) salienta que

Há prazer de folhear um livro, colorido ou branco e preto [...] livros feitos para crianças pequenas, mas que podem encantar aos de qualquer idade, são, sobretudo, experiências de olhar, de um olhar múltiplo, pois se vê com o olhar do autor e do olhador/leitor, ambos enxergando o mundo e os personagens de modo diferente, conforme percebem o mundo. (ABRAMOVICH, 1991, p. 33).

Esses modelos de livros de imagens com pouca ou sem palavra nenhuma proporcionam muitas estratégias pedagógicas que podem possibilitar às crianças o reconhecimento de si mesmas, dos seres que a rodeiam, dos acontecimentos de seu cotidiano, relacionando as histórias contidas nos livros de literatura infantil com a suas práticas sociais, seus hábitos, com os valores apreendidos, o que desencadeia, entre outras coisas, a (des) construção de estereótipos presentes nesses portadores textuais, entre eles destacam-se aqueles relacionados às questões de gênero.

Nesta perspectiva, escolheu-se a análise de conteúdo, haja vista a necessidade de conhecer “aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça”. (BARDIN, 1977 p.44). Assim, a análise de conteúdo, é uma técnica de levantamento de dados, realizada posteriormente à coleta, e suas etapas são: categorização, descrição e interpretação.

Nessa direção, nos livros analisados, para composição das categorias *Masculinidades* e *Feminilidades*, buscou-se identificar atributos comportamentais e culturais sob o ponto de vistas dos mais diversos aspectos a saber: atitudes/conduitas, linguagem, vestimentas e brinquedos que pudessem proporcionar uma a leitura semiótica do corpus de pesquisa. Segue o quadro 01, com as descrições analíticas do primeiro livro.

QUADRO 1: Estereótipos de masculinidades e feminilidades identificados no livro “Anton e as meninas”

Livro Anton e as meninas - KÖNNECKE, 2013		
Categorias	Atributos	Elementos dos discursos presentes na obra
Masculinidades	Modos de brincar	Anton tem uma pá.
		Anton tem um carro grandão.
	Força	Anton sabe pular alto.
		Anton é forte.
	Coragem	Anton desliza de frente pelo escorregador, e de barriga para baixo. E de olhos fechados.
Competição	La vem o Lucas.	
Feminilidades	Fragilidade	Anton fica chateado.
		Anton chora. Então as meninas olham.
	Cuidado	Anton ganha um biscoito.
		As meninas convidam Anton para brincar.

Fonte: Pesquisa documental, 2019.

Na análise textual e imagética da obra “Anton e as meninas” sob o ponto de vista das masculinidades, encontraram-se os seguintes atributos comportamentais: força, coragem, competição e o atributo cultural ficou a cargo dos modos de brincar. Já quanto aos atributos de feminilidades, foram identificados atributos comportamentais, como fragilidade e cuidado. A fragilidade de Anton é revelada quando ele chora e a culminância para tal fato, é a frustração ante a queda da casa construída na tentativa de impressionar as meninas que brincavam na caixa de areia. Nessa direção, é importante pensar, de acordo com Pires (2009 p.168), que:

[...] o masculino e o feminino são representados na maior parte das imagens de uma única forma, mostrando, de maneira geral, o homem como energético, forte, racional, ousado, atrevido e a mulher como passiva, frágil, sentimental, doméstica e comportada (PIRES, 2009, p.168).

Assim, os atributos conferidos à masculinidade encontrados na obra supracitada sugerem o reforço de estereótipos sociais e culturais de masculinidade hegemônica e reproduzem o ideário de um jeito de ser menino na sociedade.

Na contracapa da obra “Anton e as meninas” encontram-se os seguintes dizeres do autor: “Homens e mulheres são bem diferentes. Meninos e meninas também. Anton quer impressionar as meninas. Só que elas não dão bola, porque não gostam de gente exibida. Mas quando Anton mostra sua fragilidade elas o tratam com carinho” (KÖNNECKE, 2013).

O trecho supracitado apresenta elementos de ruptura com os atributos masculinidades, pois Anton demonstra fragilidade ao chorar. Em contraponto, em um movimento inverso à (des)construção, “as meninas” ao voltarem seus olhares e demonstrarem preocupação e cuidado com Anton, reafirmam a construção da responsabilidade afetiva da mulher, pois neste momento elas se mostram solícitas e preocupadas. Xavier (2011, p.594) aponta que “é interessante observar como essas adjetivações compõem as representações de gênero que demarcam a feminilidade hegemônica”. Deste modo, para a obra “Anton e as meninas” a análise sugere que as possibilidades de (des)construção dos estereótipos sociais de gênero se apresentam, ora marcadas por sutilezas ora de uma forma mais explícita.

Já o livro “Meninos de verdade”, de Manuela Olten, começa com a afirmação: “Meninas são tão sem graça!” e a partir desta, são tecidos comentários que se aproximam do ideário social e culturalmente construído de feminilidades. Enquanto as imagens retratam os meninos desenvolvidos e descontraídos, a menina é retratada como frágil e medrosa, fato que inicialmente sugere afirmação do antagonismo menino/menina.

A história tem início com a conversa de dois meninos que trocam experiências do que eles pensam ser a vida das meninas “as meninas são tão sem graça. Passam o dia penteando bonecas”. Os personagens deitados em uma cama, de pijama, vão conversando e fazendo piadas sobre as coisas que as meninas têm medo: “meninas dormem com bichinhos de pelúcia. Senão entram em pânico!”. A história retrata os supostos medos infantis aos quais meninas e meninos estão subordinados: medo de fantasmas, de dormir sozinho/a, de ir ao banheiro no escuro. No final da história, os dois personagens (meninos) aparecem abraçados a bichinhos de pelúcia e dormindo na cama da menina com medo do escuro. Na contracapa do livro a autora aponta que “Meninos de verdade, como a gente, não têm medo de nada! Afinal de contas não somos meninas...”. A categorização do texto encontra-se no quadro 02.

QUADRO 02: Estereótipos de masculinidades e feminilidades presentes no livro “Meninos de verdade”

Livro Meninos de Verdade - OLTEN, 2013		
Categorias	Atributos	Elementos
Masculinidades	Agitação	Os meninos pulam em cima da cama.
	Modos de Brincar	Põem e tiram...põem e tiram...põem e põem... Tiram...põem...tiram...põem...
	Modos de Vestir	Pijamas caindo
	Coragem	“Meninos não tem medo do escuro”
Feminilidades	Tranquilidade	Meninas são tão sem graça!
	Modos de Brincar	Passam o dia penteando bonecas! Põem e tiram as roupas delas põem e tiram...
		Meninas dormem com bichinhos de pelúcia. Senão entram em pânico!
	Medo	Elas são megamedrosas!
	Modos de Vestir	No escuro fazem xixi na calça. Não, na camisola!

Fonte: Pesquisa documental, 2019.

Já na análise textual e imagética da obra “Meninos de verdade” sob o ponto de vista das masculinidades, encontraram-se os seguintes atributos comportamentais: Agitação e Coragem. Para os atributos culturais, mereceram destaque os modos de vestir e de brincar. Nos atributos destacados na categoria feminilidades os comportamentais foram, tranquilidade e medo, e os culturais permaneceram modos de vestir e de brincar.

Nesta obra, inicialmente, as ditas masculinidades estão marcadas pelas atitudes dos meninos e as feminilidades estão delineadas pelos seus imaginários sobre as meninas. Nesse sentido, entende-se que a obra tende a denotar relações de significados binários. De acordo com Botton (2011) os limites impostos por estas “são expressivamente rígidos e severos, e as representações sobre feminino e masculino, sempre dicotômicas, apontando para uma oposição entre esses dois conceitos.” Dessa forma, nessas relações polarizadas, surge o caráter

discriminatório e excludente que favorece um polo em detrimento do outro, instituindo-se as relações de poder.

Assim como em “Anton e as meninas”, ocorre um fato que encaminha para a possibilidade de desconstrução dos estereótipos sociais de masculinidade e feminilidade, neste caso, o evento é a probabilidade da existência de um fantasma, a partir o qual há o surgimento do medo por parte dos meninos, o que, socialmente, não é considerado um sentimento para homens, ainda mais medo de fantasma.

O livro “Ser menina” foi publicado em 1998 pela editora Ediouro e escrito pela mineira Ângela Leite de Souza, jornalista, escritora, ilustradora, mestre em literatura. O livro aborda a temática sobre relações de gênero e é voltado especificamente para o público infantil apresentando aos pequenos leitores um texto em forma de poesia sobre outras maneiras de ser, ou se portar como uma “menina” em nossa sociedade.

De forma bem sutil as ilustrações trazem símbolos e representações que remetem o leitor a visualizar uma série de objetos atribuídos socialmente ao universo feminino e masculino todos misturados. O texto possibilita a realização de inúmeras formas de leitura sobre como se dá socialmente o processo de construção dos sujeitos como masculinos e femininos, permitindo aos/às leitores/as questionar os padrões culturais e sociais invisibilizados.

A autora inicia o texto introduzindo a palavra “engraçada” que caracteriza a personagem de Ciça. No decorrer das páginas o leitor perpassa por experiências vividas por Ciça. “Também pudera, tão pequenina e já é fera no skate, no bafo, no gol, lambada e rock’n’roll. Mas tudo tem sua hora... e essa menina da breca, vira uma senhora que faz doce de geleca e sorvete de glostora para o lanche da boneca”.

A personagem de Ciça é uma menina cuja maneira de agir foge dos padrões sociais convencionais acerca dos papéis atribuídos ao homem e a mulher. Ciça é uma menina que segundo Leite (1998, p.3) “anda descalça, pula carniça, tudo esmiúça, faz tanta bagunça! Será que tem preguiça de parecer moça?”. Ao se comportar com atitudes típicas de um menino, a personagem de Ciça desconstrói estereótipos trazendo à tona significações de masculinidades e feminilidades atribuídas aos sujeitos sociais.

Uma personagem bastante ambígua, Ciça, ao mesmo tempo em que se apresenta como uma menina sapeca com atitudes muito parecida com aquelas convencionadas como de meninos, é especialista em bordado, em tanque, em vassoura e cozinha, brincando de casinha.

A história de Ciça termina quando a autora interroga seus leitores se meninos e meninas são iguais, gerando assim a possibilidade de se fazer questionamentos sobre os padrões culturais

acerca das feminilidades e masculinidades. “Moleca ou bailarina, tamanho pingo de gente, descobriu que, de repente, há jeitos de ser menina ou menino, simplesmente”.

QUADRO 03: Estereótipos de masculinidades e feminilidades presentes no livro “Ser Menina”

Ser Menina - SOUZA,1998		
Categorias	Atributos	Elementos
Masculinidades		Engraçada, a Ciça: Anda descalça, Pula carniça Tudo esmiúça Faz tanta bagunça!
	Agitação	Fala depressa Pois na cabeça Tem mil conversas... As vezes pirraça
	Modos de Brincar	Também pudera: Tão pequenina: e já é fera, no skate, no bafo no gol Lambada e rock'n'roll
	Molecagem	Xereta a gaveta do Beto: _ Isto é um fusível? Abre o diário secreto e encontra algo terrível escrito em outro alfabeto com uma tinta invisível. Vai graxa, senhor? Pergunta Ciça, Ao próprio avô. Então, besunta de estranha cor seus chinelos e assunta: Valeu, doutor?
Feminilidades	Brinquedo	Vira uma senhora Que faz doce de geleca E sorvete de glostora Para o lanche da boneca. Depois prova e joga fora.
	Tarefas	a especialista em bordado, Em tanque vassoura e cozinha, Brincando de casinha?
	Vestuário	Porém, que espanto, quando essa menina, por encanto, põe blush collant e gel para dançar, Ravel.

Fonte: Pesquisa documental, 2019.

Para os atributos da categoria masculinidade presente no livro “Ser menina” os comportamentais foram: agitação e molecagem e o cultural foi brinquedo. Já para as feminilidades foram elencados atributos apenas culturais a saber: tarefas modos de brincar e vestir.

Assim ao categorizar a obra “Ser Menina” observou-se que enquanto para as masculinidades foram encontrados dois possíveis atributos comportamentais: agitação e molecagem e um atributo cultural: brinquedo, para as feminilidades foram encontrados apenas

atributos culturais, sendo eles os brinquedos, tarefas e vestuário. Tal fato sugere a desconstrução de estereótipos sociais de feminilidades, amparada na afirmação de Pires (2009 p.168) de que comumente é associada a imagens femininas uma ideia leve, suave, meiga, comportada, como o tipo ideal de feminilidade [...]. Entende-se, portanto, que a análise da obra “Ser menina”, descortina várias construções dos jeitos de ser menina e converge para a desnaturalização de comportamentos pré-determinados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as obras investigadas e traçando um paralelo entre elas, é possível notar através de suas análises que, os livros “Anton e as meninas” e “Meninos de Verdade” apresentaram algumas possibilidades de (des)construção dos estereótipos de gênero, e que embora estas possibilidades se caracterizem, elas não se assemelham pois no livro “Anton e as meninas” acontece o distanciamento de lugares de masculinidades por Anton, mas em contrapartida existe a aproximação dos lugares de feminilidade pelas meninas. Já no livro “Meninos de Verdade” os agentes desta transitoriedade são os meninos, enquanto a menina permanece dormindo.

Ademais, a obra “Ser Menina” diferencia-se e destaca-se entre as obras supracitadas por apresentar possibilidades de desconstrução, aliadas à desnaturalização propriamente dita destes locais de masculinidades e feminilidades construídos cultural e socialmente, como resultado, as probabilidades de desconstrução das diferenças de gênero ficam mais notórias.

Assim, as “transgressões” de Ciça encontram amparo em Finco (2005) que elucida a necessidade de “compreender a positividade das transgressões, [...] percebendo como meninos e meninas resistem aos padrões pré-estabelecidos, [...] recriando e inventando novas formas de ser.”

Através da realização deste estudo pode-se perceber que a desconstrução dos estereótipos de masculinidade e feminilidade apresenta muitos desafios. Uma naturalização velada e sutil, imbricada nos comportamentos sociais e revelada na obra “Anton e as meninas” que mesmo ao propor igualdade entre meninos e meninas resvala nas convenções comportamentais estabelecidas para meninos e meninas. Naturalização que apresenta sinais de desconstrução na obra “Meninos de Verdade” quando analisados os discursos imagético e o discurso textual da obra e que só vem acontecer de forma propriamente dita na obra “Ser menina” com o livre transitar da protagonista pelos papéis sociais do que é ser menina ou menino.

Assim, da mesma forma que a família e a escola são as primeiras instâncias de convívio social de um sujeito, estas também se estabelecem como principais obstáculos para tratativa das

destas questões. A escola, como local formal de ensino e convívio social deve atuar no enfrentamento destas naturalizações e na direção de combater o silenciamento das relações de gênero. A Literatura Infantil se constitui como um importante instrumental no sentido de educar para a diferença e propor problematizações mediante as desigualdades de gênero, etnia, raça, credo religioso, sexualidade, entre outros elementos constitutivos de identidades dos sujeitos sociais. Assim, recomenda-se que essa temática seja trabalhada cotidianamente, além da leitura pura e simples, pois cabe aos/às professores/as, como mediadores/as de conhecimentos, a escolha de livros que fomentem as reflexões e a criticidade de seus discentes no tocante as relações de gênero, com o objetivo de desconstruir estereótipos de masculinidades e feminilidades que geram desigualdades.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. 4.ed. São Paulo: Scipione, 2006.
- ARGÜELLO, Zandra. Elisa. A. *Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil*. Porto Alegre/RS: Moderna, 2005.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BOTTON, Andressa. "E o prêmio vai para...": os estereótipos de gênero nos livros infantis premiados na última década. 2011. 111 f. (Dissertação de Mestrado em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. In: *Educação & Realidade*. 20(2), jul./dez. 1995. p. 185-206.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5.ed. São Paulo/SP: Atlas, 2010.
- GUIZZO, B. S. Masculinidades e feminilidades em construção na Educação Infantil. In: FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar; BECK, Dinah Quesada (Orgs.). *Infâncias, gênero e sexualidade nas tramas da cultura e da educação*. Canoas: Ed. ULBRA, 2013.
- LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. *Literatura Infantil Brasileira: histórias & histórias*. 6. ed., São Paulo: Ática, 1999.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Petrópolis/ RJ: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. *O corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- OLE. Könnecke. Trad Mônica Stahel. *Anton e as meninas*. São Paulo: WMF Martins Fontes: 2013.
- OLTEN, Manuela. *Meninos de Verdade*. São Paulo: Saber e Ler, 2014.
- PIRES, Suyan. *Histórias de amor para sempre, histórias de amor para nunca mais...": o amor romântico na literatura infantil*. (Tese de doutorado em Letras/Literatura). UFRGS, 2009.
- SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. Tradução de DABAT, Chrsitine Rufino; ÁVILA, Maria Betânia. *Gênero uma categoria útil para análise histórica*. 35p. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf> Acesso em: 31 mai. 2019.
- SOUZA. Ângela Leite de. *Ser menina*. Belo Horizonte: Editora Ediouro. 1998. 16p.
- TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo/SP: Atlas, 1987.
- XAVIER FILHA, Constantina. Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 591-603, Aug. 2011.